

A CRENÇA

JORNAL POLITICO, E LITTERARIO

PUBLICADO SEMANALMENTE SOB A DIRECCÃO E REDACÇÃO

DE

ED. VILLAS BOAS

1.º SEMESTRE

Rio de Janeiro, Quinta-feira 3 de Novembro de 1887

NUMERO 2



Rio, 3 de Novembro de 1887.

A PERSEGUIÇÃO feita aos abolicionistas de Campos e muito especialmente a seu ostensivo chefe, o commendador Carlos de Lacerda, tem para nós uma significação tão inqualificavel, que — para não offendêrmos susceptibilidades, chamaremos — arrôjo infantil.

Aquelle panno de amostra, pequeno ensaio do massacre com que, governando o governo a policia paga por associações particulares pretende suffocar o abolicionismo em Campos, e, dado o exemplo, em toda a provincia do Rio de Janeiro; é a ultima blasphemia solta pelo moribundo avarento, que sente extinguir-se-lhe a vida, desesperado por não poder levar comsigo a fortuna; bem como a fuga dos escravizados de Capivary e Monte-mór é a completa antithese da imputação feita aos abolicionistas de São Paulo, com a mais requintada má fé, de a incitarem.

Ninguem ha que seriamente cogite na marcha que tem tomado os acontecimentos, que possa acreditar na loucura dos abolicionistas promovendo fugas ou rebeliões.

Os abolicionistas, que todas as victorias e conquistas obtidas para a liberdade tem-n'as conseguido pelos moldes emancipadores, empregando a prudencia, a propaganda e o chamamento á si, ao apoio de suas idéas, o esforço collectivo, — por meio de festas, de musicas e de flôres; não iriam agora, quando o escravagismo bruxolêa e morre, como exausto lampeão ao alvorecer na senzala, atigar a torcida e renovar-lhe o azeite, para que de novo se alente e possa alumiar novas e mais sangrentas atrocidades.

Fôra isso mais inépto do que mandar-se 20 praças para fazer parar e retroceder ao supplicio, que a esperava, essa phalange de 150 desertores da morte (resolutos, mas pacificos) que atacada defendeu-se, quando podia esmagar sob seu péso o fraco embaraço que lhe atiravam aos pés.

Acostumada ás surras, surrou e seguiu o seu caminho na mesma boa marcha em que ia.

Mal do governo e dos escravocratas se os abolicio-

nistas tivessem em mente a conflagração do paiz, indo ás fazendas levantar os escravos!

A descida dos mineiros e paulistas, prophetisada pelo *Sônho do Itajuru*, seria a medonha avalanche que sepultaria sob o peso do sangue e lagrimas vertidas por uma raça, ha mais de 300 annos, a resistencia tenaz e accintosa dos que negando os olhos á brilhante luz que illumina o seculo — a liberdade, conspiram contra ella negando-se ao compromisso contrahido em um anniversario solemne, de *poder, querer e dever* acabar com a escravidão!

Nunca foi, porém essa, a intenção dos abolicionistas; pois, verdadeiros patriotas, desejosos de lavar a nodoa negra que estigmatiza o emblema da patria — não buscam fazel-o com o sangue da propria patria, sem que a isso os obrigue a necessidade da natural defeza, ante os actos de violencia empregados contra suas pessoas e bens, dado o que, despiria o character da *idéa*, que só poderia ser combatida pelas mesmas armas com que combatera.

A imputação, porém, é um plano já muito gasto e improficuo e não surtirá o effeito que esperam por ser sempre a arma empregada pelo partido saquarema contra os luzias — hoje conservador contra os liberaes e os abolicionistas.

Enganam-se e erram os escravocratas. Quanto maior fôr a resistencia quanto mais rapida e suave hade chegar a victoria, porque os fazendeiros de hoje não são aquelles velhos rotineiros dos tempos do contrabando, e é muito melhor aproveitar os ingenuos para colonos, nas proprias fazendas em que elles nasceram, do que vél-os, attingida a maioria, libertarem-se a si e aos seus — por um processo mais facil do que o que tanto obriga a estudar o governo.

A paz, a gloria e a prosperidade deste bello paiz — pendem hoje da solução do elemento servil, cuja extincção encontron na opinião publica, hoje guiada e esclarecida pelos ingentes esforços dos abolicionistas, o mais decidido apoio e consagração e apenas opposição e resistencia no governo que assumiu o poder illudindo a boa fé publica e a do — monarcha, dizendo que o partido conservador — podia, queria e devia acabar com a escravatura.

E é este mesmo partido, que tendo pela voz de seu summo pontifice, contrahido semelhante compromisso,

perante o mundo civilizado, pois que o fôra publicamente no banquete de 28 de Setembro de 1884, em que muitos, por um acto de pescaria, festejavam a lei *contra a qual tinham votado*, declara dous annos depois de governo, depois de promulgada a Lei de 28 de Setembro de 1885 — que... vai estudar.

Isto se não é irrisorio, pelo menos parece ser proprio de homens que se tem na conta de grandes estadistas!

Realmente, quando de todos os angulos do Imperio surgem, desde longos annos, expontaneas libertações, dadas em massa, ás centenas, em sua totalidade por fazendeiros (os mais interessados na mantença dessa *sua propriedade*), contentando-se com os serviços desses libertos por mais dous ou tres annos; não sabemos á qual ordem de considerações politicas ou sociaes se prende o governo imperial para reagir e resistir a tudo que tem por fim apressar o dia que será o de sua maior gloria.

Compartilhar dos sentimentos philantropicos de um povo que—já por indole, já por exemplos, e já por prevenir futuras incertezas, expontanea e patrioticamente quer extinguir a escravidão, seria além do dever a sagração do maior serviço prestado á patria; seria corresponder á mais esplendida manifestação de que jámais houve noticia em favor de uma idéa grande e generosa, como seja a que ora nos occupa, pois não ha classe alguma no Brazil (inclusive nobreza, clero e povo) que não queira livrar-se de tão longo pesadello.

Crêmos que nada deve influir no animo e patriotismo de um governo serio e moralizado—as exigencias retrogradadas de um grupo que por interesse proprio e arranjos da parentella o coage, e que quer dispôr dos destinos do paiz como si só elles fôsem os brasileiros e não houvesse, em todo o Imperio, interesses e dignidade a manter e zelar—alem dos desse grupo.

Os preconceitos ou tradições nominaes nos partidos cahem como superstições transitorias que nada valem ante a nobreza de character daquelles que, como governo, devem conhecer das tendencias da opinião, buscando o bem estar da nação e não a de um grupo de retrogradados.

Sacrificar porém a dignidade, o futuro e a prosperidade de todas as classes sociaes, para não contrariar os falsos directores do partido, cujos erros ou desacertos do passado nos lançaram nas difficuldades de presente, e que, com a resistencia á aspiração nacional nos lançará nos abysmos que se antevê no futuro—seria um crime de lesa nação se não fôsse antes disso um suicidio moral, pela servil abdicación da dignidade governamental.

Sua Magestade o Imperador

Os jornaes de hontem annunciaram que Sua Alteza Imperial Regente, recebeu ante-hontem um telegramma expedido de Cannes por Sua Magestade a Imperatriz, no

qual lhe communicava que Sua Magestade o Imperador passava muito bem.

Congratulando-se com Sua Alteza Imperial, pela feliz noticia que acaba de lhe ser transmittida por sua extremosa e virtuosissima Mãe, e que Sua Alteza com tão desvelada sollicitude transmittiu á imprensa e esta ao paiz; a redacção da *Crença*, que tanto é grata a Sua Magestade o Imperador, faz os mais sinceros votos para que o mesmo Augusto Senhor e Sua Magestade a Imperatriz continuem a gosar a mais feliz saude, afim de que, regressando ao seio da patria, que os estremece, compenetrem-se—ainda uma vez mais—do quanto são queridos e adorados pelo povo, não tanto pelo fausto e prestigio de sua realeza, como pelos dotes e virtudes pessoaes, que poderiam não ter.

O DIA DOS FINADOS

Foi hontem o dia dos finados!

Os templos que na vespera se adornavam de festivas galas, cobrindo de flores suas banquetas, juncando de folhas aromaticas o seu solo e fazendo echoar por suas abobadas, após o alegre repicar dos sinos e mil girandolas atroarem nos ares — os accôrdes das mais classicas e suaves harmonias, em homenagem sacratissima a Todos os Santos da celestial morada;—esses mesmos templos, despindo por encanto as deslumbrantes galas, cobriram de luto os seus levitas, ornaram de crêpe os seus altares e no meio das naves — junto aos degrãos dos cruzeiros ergueram os mausoléos ou catafalcos — em torno dos quaes os ungidos do Senhor entoaram o funebre canto-chão pelo descanso eterno dos mortos.

Os sinos, que ainda na vespera repicavam alegres e festivos — levando seus sons contentes a todos os corações puros e virtuosos, dobravam hontem tristes e compassados, como para recordar aos vivos o som lugubre e medonho que hade echoar nos valles de Josaphat, bem como a musica, ora grave ora plangente, parecia lembrar o fundo carpir de toda a humanidade.

Nas pequenas ermidas dos cemiterios apinhavam-se os romeiros dessa piedosa visita — que é annualmente feita aos tumulos; e Deos — o consolador eterno de todas as desgraças — para o qual recorrem em suas afflicções não só os que n'elle crêm, como os que d'elle escarnecem, blasonam e blasphemam, — alli faz emmudecer, ante a vastidão do cemiterio e a mudez placida dos tumulos, como ante a vastidão do oceano e o horror da tempestade, — todas as grandes ambições da vida — lembrando o nada que sômos ante a infallibilidade da morte.

Todavia, meditando nos mysterios da nossa religião e no respeito que deve presidir a todos os seus actos — não pudemos deixar de entristecer-nos vendo o luxo e a

ostentação que apresentavam os tumulos e os visitantes em todos os cemiterios.

Até alli—na ultima e derradeira morada — a misera e presumpçosa humanidade julga affrontar, pelo fausto e pela riqueza, os dogmas da mais santa e austera de todas as religiões.

Pobre louca !

Esquecida que diante do sacro emblema da fé, — dessa Cruz—que alli se ergue, no centro do cemiterio, não ha aos olhos desse Deos senão a igualdade nivelada pelos braços que ella estende em direcções oppostas ; ella a humanidade não se sujeita á essa igualdade de alem tumulo e ostenta ante os marmoreos-mausoléos as armagões de velludo e os candelabros de massiga prata com mais soberba e arrogancia do que a precipitadora do anjo das alturas.

Não basta um simples ramo de saudades, de perpetuas, de suspiros ou amores perfeitos, para ser depositado, como lembrança, sobre a sepultura ou o tumulo—do ente querido ou indifferente que alli dorme seu derradeiro somno, para satisfação da consciencia de si mesma—por haver cumprido o supresticioso dever que a religião ou o amor lhe impõe ; não : é preciso uma publica e ostensiva demonstração do grande sentimento que talvez não lhe vá n'alma.

E' preciso que se enfeitem e adornem os custosos mausoléos ; que se avivem e dourem faustosas inscripções ; que se agrupem innumeras e custosas corôas e grinaldas de flores... artificiaes, para que o mundo seja sabedor de que a morte, a fatal mas infallivel morte, não pôde, apesar de toda a impavidez e infallibilidade, nivelar, nem mesmo alli, no chão de suas victimas — onde terminam da vaidade as galas — o rico com o pobre,—o senhor com o escravo, o nobre com o plebeu !

Quem sabe, porém, aos olhos de Deos, da philosophia universal e da confraternidade humana, qual das almas — cujos corpos decompõem-se igual e simultaneamente em tão distinctos quanto desiguaes jazigos — possuiria maior somma de virtudes ou de boas acções sobre a terra ?!

Quem podesse lér atravez desses marmores a historia intima de cada um desses finados — que ali gosam de um endeosamento anti-anonico — talvez encontrasse a vida de um scelerado!...

E no entanto alli, mais adiante, na vala commum—para onde a deshumanidade atira irreverente, sem respeitar sexos nem idades, os corpos inanimados e seminús dos indigentes, ninguem vai dobrar o joelho e murmurar uma prece; ninguem tem por elles ou por algum d'entre elles — uma lagrima, uma grinalda, ou uma unica flôr !

Infelizes !

E' que alli dormem os filhos da desgraça, os desherdados da sorte, os que foram as bestas de carga na vida—e as victimas de clamorosas fraudes e injustiças.

Assim é a justiça da terra e dos homens !

Alli dormem os escravos e os soldados, — os servos da gleba e que tiveram como os cães de fila — a trôco de um labor constante, de uma lealdade a toda prova — os duros ossos do banquetear da existencia—porque elles, os grandes senhores — não os puderam roer.

A nossa sympathica e illustrada collega, a *Gazeta da Tarde*, anda ás avéssas das meninas de sua idade, — de 8 para 9 annos.

Em quanto estas, ao contrario das *títias*, augmentam a idade e querem imitar com as bonecas os nobres ares e maternal solicitude de uma perfeita dona de casa, já chamando a ama, já chamando o bicho p'ra papar a menina, que está chorando; a nossa collega encurta a sua para se fazer ainda mais gentil e querida.

Nem foi outro o motivo porque do n. 249. que publicou a 31 do passado, voltou a 240 a 2 do corrente.

Ora, com quanto isso atrapalhe a quem colleccionando pelos numeros—tenha em duplicata 10 numeros em fins de um mez e principio de outro,—o nosso desejo é que a illustrada collega junte mais tres cifras ao numero em duplicata, e nós que tenhamos o gôsto de os ler e colleccionar— d'aqui a uns 70 annos ! ! ! . . .

*
*
*

DICCIONARIO ESTRAVAGANTE.— Com este titulo publicou o Sr. Pedro José Ribeiro a 2ª edição, mais correcta e augmentada, de um gracioso livrinho humoristico publicado por S. S. em 1878.

Sentindo que só com a troca dos dous ultimos algarismos dessa epocha, podesse S. S., em 1887, dar á luz, nove annos depois, a sua 2ª edição — por ser digna a sua paciente e xistosa producção da maior circulação; só nos cumpre agradecermos a remessa que nos fêz de um exemplar e recommendar o seu *Diccionario* a todos os que gostam de uma leitura ligeira e divertida, moral e instructiva— pelas extravagancias que n'ella se encontram de gracioso espirito.

A *verve* com que são dadas as significações das palavras—não pôde ser mais xistosa, nem mais provocadora de gargalhadas—por isso que natural e singelamente emana de si mesma — sem esforço algum para encontral-a.

E tanto mais prazer têm os recommendados este seu *Diccionario* ao publico, que aliás é seguido da satyrica poesia — *O Rio de Janeiro, verso e reverso*, — quanto nos alegrámos por sabermos que o Sr. Ribeiro — longe de ser um litterato empantufado, *rempli de soi-même*, é um simples e modesto typographo que nobilita a sua classe pelo talento, circumspeção e estudo, mas cuja modestia, semelhante á da violeta, trahe e attrahe pelo perfume, a justa apreciação de seu merecimento.

LITTERATURA

NOVO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

DISCURSO PRONUNCIADO PELO EMINENTE LITTERATO PORTUGUEZ O SR. RAMALHO ORTIGÃO

Collocando na terra americana as primeiras bases da futura nação brasileira, os nossos antepassados estabeleceram no Brazil a escravidão africana e a lingua portugueza.

Estes são os dous factos culminantes do regimen feudal da colonisação, emprehendida nessa época da nossa Renascença, cujo espirito heroico palpita com um novo clarão nas fôrmas artisticas do edificio hoje inaugurado pela sociedade do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro.

A escravidão era o que presentemente chamariamos uma medida politica, emergente de um systema, tendo por objecto fundar o trabalho, organizar a propriedade, crear a riqueza, instituir e fixar emfim a comunidade social por meio de processos analogos áquelles de que provieram todas as civilisações da Europa.

A escravidão cahiu, como cahem todos os expedientes transitorios de governo, pelo principio de que toda a coerção que não é indispensavel á salvação social, é repulsiva á dignidade humana.

A lingua ficou. E este unico resultado, definitivamente adquirido, basta para a gloria de uma raça conquistadora.

O Brazil, que desde o seculo XVIII cesson, pela sua autonomia economica e social, de ser uma possessão, é hoje alguma cousa superior a um simples paiz independente. Os seus progressos politicos, sociaes e materiaes fizeram-se lentamente, como parece indispensavel que todas as grandes transformações se façam, para que o seu effeito persista na ordem geral. Toda a civilisação é uma força estatica, que as excessivas accelerações dynamicas perturbam de um modo sempre doloroso, e muitas vezes fatal á communhão humana. A cidade antiga do Rio de Janeiro, tão semelhante pela disposição das suas ruas á cidade alta de Lisboa, delineada pelos jesuitas de S. Roque é sufficiente para convencer um viajante, de que na civilisação brasileira a nevrose americana da locomoção rapida e das transfigurações subitas não abalou o sentimento sagrado da continuidade historica, o respeito piedoso da tradição nacional.

O simples aspecto da sua capital, os seus monumentos, os seus antigos bairros, algumas das suas fôrmas de construcção, os seus costumes domesticos, as suas tendências de litteratura e d'arte, a profunda sensibilidade meiga, enterneçada e saadosa dos seus incomparaveis poetas, demonstram da mais evidente maneira ás curiosidades da critica, que o Brazil, apesar dos elementos tão heterogeneos que nelle travam o conflicto da concurrencia na luta pela vida, não é como de ou-

tros aggregados de constituição semelhante se poderia dizer — uma vasta colonia internacional, submettida ao regimen cosmopolitico de um poder local. Não ; o Brazil é para aquelles que nelle nascem, que nelle se criam e educam, mais do que uma nação, é uma verdadeira patria, sobre cuja face decorreu o tempo necessario para sulcar o expressivo e fecundo vinco da ternura e do carinho de uma velha mãe.

O que principalmente caracteriza a physionomia da nação brasileira é essa consistente e poderosa homogeneidade ethnica, que os varios accidentes da co'onisação moderna não conseguiram obliterar, e de que a lingua portugueza é um dos principaes symptomas. Essa homogeneidade tem por factores, primeiro a selecção imposta pelas condições de clima e do sólo, e depois, se me é licito dizel-o, a alliança consanguinea da raça coirmã, a qual, antes de haver dado ao Brazil alguns chefes de familia, teve a gloria de dar á Hollanda o pai de Spinosa, á Hespanha a mãe de Valasquez, e á Allemanha a mãe de Leibnitz.

São estes singulares predicados que assegurarão á nação brasileira um dos logares mais disputados na historia do futuro, quando, pela quêda da supremacia europeá, se deslocar o eixo da civilisação no globo, e a America assumir a função hegemonica a que está destinada na direcção do mundo.

Em dous breves traços definirei agora o papel do portuguez do seculo XIX na elaboraçoão do grande destino reservado ao porvir da nação brasileira.

Em quanto ao regimen da escravidão, devo afirmar da maneira mais segura e mais categorica — porque expri-mo o resultado de uma observação directa — que, se é verdade que foi o portuguez colonizador quem estabeleceu no Brazil o trabalho servil no seculo XVI, é verdade tambem irrecusavel que foi o portuguez emigrado neste seculo quem mais directamente actuou na creação moderna do trabalho livre. Para bem o comprehender, é preciso ter o valor de considerar de perto e face á face esta questão incandescente.

Libertar o escravo é resolver apenas uma parte acidental no importante problema da emancipaçoão do trabalho. O que ha de mais grave no regimen da escravatura, não é a submissão do negro, é o orgulho do branco. O terrivel effeito da instituiçoão servil é que ella desacredita o espirito de disciplina e deshonra a pratica do trabalho nas raças livres.

Para que um paiz possa considerar-se inteiramente clarificado na corrosiva mancha negra, é preciso que a cada acto de crueldade exercido em nome da velha servidão se contraponha um correspondente acto de virtude, praticado em nome da nova liberdade.

E' neste sentido de purificadora expiaçoão que o grande Lincoln dizia perante a guerra dos Estados : « Se está determinado pela Providencia, que a cada gotta de sangue arrancado pelo azorrague do negro corresponda uma igual gotta de sangue arrancado pela espada ao

branco, eu não tenho que dizer senão que a Providencia é justa e recta.»

Ora, como é que pacificamente se restaura e se enobrece na liberdade o trabalho pervertido e abastardado na servidão?—De um unico modo: exercendo-o. E' o que o portuguez tem feito.

Diz o physiologista Mandsley, estudando a formação cerebral do character, que é muito mais util adquirir bons habitos do que meditar bons principios. Convém não esquecer esta verdade scientifica. Prêgar theoreticamente a nobilitação do trabalho pela humildade dos serviços, pôde ser uma cousa boa; mas, em nome da mesma nobreza adstricta a toda a actividade do homem, guiar uma carroça ou carregar um fardo é uma cousa melhor.

O grande propugnador da emancipação das classes servas na Russia, o eloquente e inspirado conde de Tolstoi, comprehendeu bem esse principio, e para ter o direito e a autoridade para escrever romances libertadores, elle emprega as suas horas vagas, já cavando a terra, já fabricando botas.

O portuguez no Brazil não deu ainda trecho de eloquencia á raça negra, mas a posteridade ha de reconhecer com agradecimento, que para a emancipação do trabalho elle foi o primeiro a dar grandes exemplos á raça branca.

Em quanto a lingua que os seus avós implantaram na America Austral, o portuguez residente no Brazil consagra-a com um fervor mais que religioso, levantando em honra della a mais bella e a mais grandiosa bibliotheca que gente da sua raça tem construido.

No dia em que tiver cahido para o dominio intellectual do mundo a preponderancia europeá—porque não ha preponderancias eternas, e o movimento da civilisação está destinado a oscilar como o movimento dos mares e a configuração dos continentes entre os dous hemisphérios da terra—quando por meio dessa evolução se tenha deslocado a importancia do dominio geographico das linguas actuaes, se esta casa existir ainda, ella mostrará aos nossos netos que homens de trabalho, alheios á intriga da politica e ao litigio do poder, ausentes da sua patria, em um paiz remoto, previram na missão da sua raça o alcance da sciencia e o alcance da arte, a qual, tendo por fim resalvar os interesses da intelligencia, fazendo-os preponderar nos interesses da eubiça, da ambição e do egoismo humano, é a origem da mora positiva, assim como é a base do bom senso e o sustentaculo da moderação, qualidade que o americano Bageot considera como a condição essencial da vida civilisada.

Esta casa mostraria tambem que aquelles que a fundaram não desaprenderam, com a emigração, de amar a gloria litteraria do seu berço, a obra dos seus escriptores, e a heroica sonoridade da sua lingua, flor do Lacio, dourada pelos reflexos do Mediterraneo, perfumada pelas essencias embalsamadas da Arabia, lingua

cantante, espumosa e rubra, que os primeiros colonos portuguezes transplantaram para o fecundo sólo da America, e atravez da qual a litteratura e a poezia brasileira fizeram passar um novo alento de força e de graça, como um vago murmucio de palmeiras, debaixo das quaes, no amendoal em flor, gorgem os sabiás e palpitam ao sol os colibris.

E se um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta politica da Europa, esta casa será ainda como a expressão monumental do cumprimento da prophcia posta por Garrett na bocca de Camões moribundo:

« Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra. »

A AVO' E A NETA

(Pagina dos vinte annos)

OFFERECIDA A EXMA. SRA. D. ***

Era uma noite de Agosto, e que noite lindissima! De prata montes e valles enchia a lua; ao longe as serranias azues erguiam os cabeços a entestar o céu; as brisas susurravam saudades nas ramas das arvores e os laranjaes enchiam de perfume os ares!

Alli em uma casinha verde, cujos telhados tinham a côr da noite, estavam uma velha e uma menina: o inverno com flócos de neve e a primavera coroada de rosas—Dous polos da vida: um, caminhando á Eternidade com o corpo raso ao chão e o coração sangrando as magoas de uma vida passada e dolorida: outro, olhos no céu, sorriso de anjo nos labios e o coração lá dentro nos recessos a arreceiar-se de tudo e a tremer de sustos infantis!

A avó e a neta: uma conhecendo as cores varias da vida, tendo-a visto toda inteira desde o dia em que abriu as azas da berço até então que buscava com os olhos a jazida para o corpo; outra, ainda vinda hontem dos joelhos de uma mãe e dos sorrisos do céu, sentindo ainda nos olhos o fogo dos seraphins e nos labios os perfumes da infancia, tendo o presente como um sonho e o futuro como aquelles nevoeiros que erguem-se á flor dos lagos e sobem até o sol que os enche de luz, até o espaço, onde as brisas da tarde empurram-nos para longinquos horisontes! A avó e a neta, uma veneranda pela neve dos cabellos e pelo conselho amigo e santo que lhe sahia sempre do coração quando havia um coração a consolar; outra digna de preito pela candura que Deos veste nas almas que ensaiam vôo aqui na terra—dous extremos: o peito gelado e frio que não bate mais, a não ser para o empenho do bem e o peito virgem a tremer palpites, a ancian desejos, a suspirar e a phantasiar sonhos que são de um tão longo

de um tão breve fruir ! Aqui, a mulher sentada na lousa do sepulchro namorando-lhe o fundo e pedindo ao cipreste uma sombra triste e socegada ; alli, uma menina, cujas faces tingem-se de vermelho, cujos labios murmuram phrases affectuosas e cujo coração é um thesouro sondal-o e uma fortuna possuil-o !

E a noite ia soberbissima ! Lá longe a cidade entregava-se ao bulicio e ao ruido. Alli, ao derredor da casinha verde, era tudo silencio, que interrompia-se, ás vezes, para deixar ouvir uma harmonia confusa e varia : as brisas sussuravam nas arvores, ouvia-se o cahir das aguas e um ou outro som de um passarinho que buscava ligeiro o ninho dilecto. De azul era o céu, e uma chuva de prata como que uma fumaça tenue, delgaçada, uma especie de véo de gaze finissima enchia o espaço. Era de encantos aquella noite !

E como tem de chorar amargo pranto o viandante que chega ao ultimo marco da peregrinação lembrando-se que lá aolongo ainda vem ferindo os pés e sangrando as carnes o irmão, o filho ou o querido do coração ? ! Muitas lagrimas entornarãõ os cilios porque elle sabe que o caminho que elle andou tem muito abysmo fundo e negro, escondido sob a relva e sob as flores, muito despenhadeiro immenso e de onde não volta quem uma vez lá rojou-se ou cahio !

A velha, silenciosa e triste, interrogava o céu na mudez da noite, não lhe perguntava pelo descanso de si mesma, supplicava pela neta, por quem ella estremecia duas vezes porque duas vezes lhe era sua mãe. E seus olhos, quasi sem luz, scintillavam um momento no fervor da prece que resava baixinho o coração, e o corpo alquebrado endereitava-se de subido como querendo ser uma muralha de bronze entre um mundo de vicios e erros e uma menina santa e pura.

E a menina ? A menina, anjo do céu, sonhava descuidosa com o futuro — nuvem de ouro a balouçar-se no ether que importa-lhe a noite e as sombras ? Rosa perfumada a dansar no caule virente, que importa-lhe as lufadas do vento ? Conchinha da praia, vaga de prata, que lhe vale saber os impetos do oceano indómito e vario ?

Avó e neta : ramo secco tombado do tronco a pedir do rocio da madrugada uma gotta de agua ; botão de rosa a estremecer no hastil aos beijos das auras da manhã — a avó resando baixinho no coração pelo anjo de azas candidas que ia ensaiar vôo á flor dos paues ; a neta, abrindo o peito innocente ás doces miragens da imaginação, vendo em cada uma dellas o infinito e cantando nas expansões do espirito um poema de um amor ainda vago, ainda santo como o pranto da virgem, ainda do céu porque era o céu que o inspirava !

E a noite ia bella ! alargavam-se de azul os horisontes, as estrellas scintillavam e como que uma harmonia etherea resoava nos ares quando balsamicas auras sussuravam nas arvores.

li nessa casinha, ao clarão da lua, duas almas lá ao longe a cidade estremecia toda aos ruidos

de sudas orgias e bacchanaes. Alli a virtude que nascia e a virtude que soffreu, dobravam joelho ao Eterno ; lá ao longe a multidão calcava aos pés o bem e o justo ;

E o mundo não sabia que ao longe [de suas festas duas aves pousavam em descanso. E não importava-se dellas ! E ellas, coitadinhas, lá se estavam tremendo e assustando a cada som, a cada ruido que as brisas levavam. E' que do fundo dos despenhadeiros não olha-se o prado florido, onde as lymphas sussurravam saudades, onde as arvores vestem-se de flores e onde os passaros descantam amores ; mas no entretanto quem se acha entre um céu azul e o manto verde das campinas, quem dilata os olhos em horisontes cor de rosa e estende-os em varzeas sem fim, e perde-os na immensidade, lá assusta-se, lá treme quando vê rochedos negros, nus e escavados a escalar um céu plumbeo ; lá assusta-se, lá treme quando vê um abysmo turbido e medonho, onde tudo é negrume e lodo. E' por isso que o mundo não sabia da existencia da avó e da neta ; é por isso que ambas temiam o mundo.

Mas ha na vida humana certa ordem de factos que Deos os sabe e o homem não entende. Ai da razão que os quiz apalpar, ai della porque entenebrou-se !

Sómos andorinhas que fugimos ás nevoas do inverno e deixamos o ninho doce e saudoso em demanda de novos lares ; mas dia chega que as azas não tem vigor, as nevoas descem dos céos e as andorinhas morrem quando ainda havia muita vida. Sómos assim : muito canto no peito, muito lume nos olhos, muita fé e cahimos no meio da jornada. Eramos moços e morrêmos enquanto que outros decrepitos e cançados lá se vão arrastando pelas urzes do caminho. E porque colhem apenas espinhos os que nem sentiram os perfumes das flores e porque colhem flores aquelles que lhes não sentiram os espinhos ?

Deos que o sabe, Deos que o assim quer.

Oh ! mas é doloroso sentir-se cheio de vigor, tér-se sonhado o futuro, alindado-o com as forças do talento e os palpites do coração e de subito quebrar-se a argila e ir dormir-se somno frio e pesado uma eternidade inteira !

Curve-se o collo e seja o homem o barro immundo nas mãos do artista que o animou !

E alma, e o espirito que entende e sabe e vê, e as nossas faculdades que sentem, avaliam e reproduzem o mundo exterior, morre tudo isto ? O pensamento deixa de ser subjectivo, a vontade perde o querer, a sensibilidade não affecta-se mais ? E para que animou o espirito um pouco de lodo se prendia-se a sorte do lodo ?

Cale-se o orgulho. Deos que o entende e o quer é porque assim o deve ser.

Ai de ti, suicidia, que demonstrando por um absurdo a tua liberdade, rojastes de ti o corpo ! Ai de ti, que hasde encontrar o Senhor de nós todos irado e severo !

Ai de ti, suicida, que matastes a alma entenebrando o corpo, porque tambem terás contra ti teus crimes e vicios !

Mas tornêmos á avó e á neta. Esta um dia, abriu as azas de anjo e voou—deixando o mundo que não lhe merecia possuil-a e buscou o céo; aquella teve de chorar, velha e só, pezares amargos que só ella sabia-os soffrer!

O arbusto viçoso a desatar-se em flores tombou e cahiu, o tronco velho e carcomido continuou a vacillar n'um solo que não lhe dava seiva e vida ás raizes! Decretos do céo. E hoje ao passar-se por junto da casinha verde já não reina a alegria de outros tempos: tudo mudou-se: as brisas que susurram lá são quentes, as aves que gorgeiam não mais souberam as harmonias que tanta doçura espalhavam: tudo definha; a rosa pende triste no hastil, turvam-se as aguas das fontes e a pobre da velha dias e noites soluça e geme. Dor bem do coração mina-lhe aos poucos a curta existencia.

Homens que ides caminho da vida descobri-vos ante aquella velha: as grandes magoas devem ser o começo da sanctificação!

MANOEL ANTONIO MAJOR.

POESIAS

ENLEVOS...

Quem me dera ser a flôr
Que adormêce no teu seio
Do vergel toda esquecida!
Que se emballa ás harmonias
Dess'eden formoso e puro
E bebe porções de vida!

Quem me dera ser os sônhos
Que a noite brincam contigo
E docemente diliram!
Ou o meigo sorrir travêso
Que despertam dos teus labios,
Beijos que os anjos suspiram!

Quem me dera bem distante,
Lá nos ermos, nos desertos,
Contigo viver a sôz...
E sentir dentro em minh'alma
Erguer-se um mundo de luz
Ao som dessa meiga vôz!

No entretanto... não sabes
Entre risos e folguêdos
De tua doce existencia...
Quanto extremeço por ti,
Quanto te adoro em silencio
Meigo archanjo de innocencia!

Não sabes... não saberás
O segredo que commigo
Baixará á sepultura!
Quem póde escalar os céos?
Quem póde um astro buscar?
Fôra martyrio e loucura!...

A. CANTANHEDA.

O PORQUE...

Se não a tenho pedido em casamento,
Senhora, affirmo-lhe que não é porque
Me amedronte o seu luxar: tambem não é
Porque lhe reconheça falta de talento.

Não é porque seja a senhora preguiçosa,
Pois vejo-a trabalhar constantemente;
Não é, por Deus, acredite piamente
Porque não seja vossencia mui formosa...

A senhora é joven, casta e respeitavel,
De um todo encantador, muito adopavel,
Saudinha perfeita eu sei que logra...

Se em casamento não a tenho já pedido
Todo o receio meu... escute aqui no ouvido:
E' o demonio, o demonio de uma sogra!

CARLOS PARADA.

Outubro, 1887.

QUE HORROR!

AO MEU AMIGO—DR. REGO CESAR

Não longe do cemiterio
Um carro ha pouco parou,
Dell'envolvido saltou
Um vulto todo negror:
O seu pôrte é um mysterio,
O seu andar—vagaroso,
Neste logar pavoroso
A que vem o viajor?

Caminha, caminha lento,
Salta o muro, dentro está:
Tarda hora e fria é já
Esta noite em qu'elle vem!
Caminha... para um momento,
Mede a vasta solidão,
E diz com voz de trovão:
— Ninguem me viu, oh! ninguem

D'entre as campas qu'inda ha pouco
 Vazias, tão sós estavam,
 E que os mortos esperavam
 P'ra lhes dar descanso assim;
 Uma busca o vulto louco
 Em que uma c'roa singella,
 Diz que alli—uma donzella
 Dorme seu somno sem fim.

Ajoelha, lê de perto
 Sua pequena inscripção...
 Ergue a lage,—attenção
 Presta a todo o rumorêjo:
 Só ao longe se ouve incerto
 O piar d'ave agoureira,
 Ou nos leques da palmeira
 Da doce brisa o bafêjo.

Comtudo a noite era linda,
 Mas sombria agora está!
 Triste a lua já não dá
 Sobre as campas sua luz...
 O cypreste, curvo ainda
 Pelos bafejos da aragem,
 Treme na grimpa e folhagem
 Açoitando a negra cruz!

Tudo entristece! sómente
 O vulto todo negror,
 Não sente o menor pavor
 Nessa mansão sepulchral;
 Desce à campá da innocente,
 Ergue o esquife em qu'ella jaz,
 E nem recua ante a paz
 Do seu todo virginal!

Que fará?... quem será elle?...
 Ninguém conhece-o, nem viu:
 Ladrão será, presentiu
 Nessa donzella brilhantes?
 Ninguém o sabe: só nelle
 Se aninha o fatal segredo,
 Emmudece o arvoredo,
 Vai fallar—ouçamos antes:

*
 * *

— Amei-te como na terra
 Si pôde amar uma vez!
 Despresaste os meus extremos
 D'outro amor na embriaguez...
 Calcaste aos pés meus affectos
 Minhas riquezas e amor;
 Não quizestes ser só minha,
 Lá e sorriste à minha dôr!

Mas vinguei-me, porque à campá
 Fiz-te descer inda bella!
 Não quiz que o rival colhêsse
 Tua c'roa de donzella...
 Mesmo morta, nos meus braços
 Apertar-te vou enfim;
 Vou gosar frios amores,
 Vingarmos d'ambos assim!

Como és bella assim, agora,
 Muda, fria, sem rigor!
 Como os teus labios adorna
 Meigo sorriso de amor!...
 Ah! gosar vou teus encantos,
 Mesmo gelados,—qu'importa!
 Aquecer-te irá meu peito
 Neste fogo que o transporta!

*
 * *

D'um cadaver em seus braços
 Não teve o barbaro horror!...
 Não teve da Cruz temor
 Para a virgem profanar;
 Ella—que aos santos laços
 Ia em breve ser unida;
 Ai! triste perdeu a vida
 Quiz um monstro se vingar!

Profana mão já tocava
 Brancas vestes virginaes,
 Em furias mil sensuaes
 Ardía o impio amator...
 Quando quasi que tentava
 Seu tórpe—fatal intento;
 Sôa o bronze, lento e lento,
 Meia noite—hora de horror!

*
 * *

Ergueram-se as lages, a Cruz profanada,
 Já meia inclinada, si ergue tambem!
 O impio gelára-se, ao vêr nesse ensêjo
 O grande cortejo de mortos que ahi vem!

Da Cruz sahe um anjo vibrando uma espada,
 Maldito! lhe brada, com voz sepulchral!
 Os mortos repetem tal brado e um grito
 Soou como afflicto, por monte e por val!...

Os mortos a virgem à campá baixaram,
 Maldito!—bradaram ainda outra vez!
 P'ra Cruz se voltando, reinava o terror,
 Mas só um—horror—disseram; não vés?

O chão lá se abrija em lavas ferventes,
 Mil chammas ardentes o impio tragaram...
 Depois veio o dia e de tal accidente,
 Um carro sómente sem dono avistaram.

PAPELARIA E LIVRARIA

Chromos e artigos para presentes

Guimarães & Ferdinando

35 Rua do Ouvidor 35
ESQUINA DA DO CARMO

Rio de Janeiro.

Restaurant da Península

MARTINS CAMARA & C.

63 Rua da Uruguayana 63

(entre as rua do Ouvidor e largo do Rozario)

ENCOMMENDAS A PREÇOS RAZOAVEIS

Recebem Pensionistas

Rio de Janeiro.

IMPORTAÇÃO

J. M. B. Pereira Bastos



COM DEPOSITO DE CALÇADO

NACIONAL E ESTRANGEIRO

Para homens, senhoras e crianças, por atacado e a varejo.

65 RUA DO CARMO 65

Por baixo do antigo Hotel da Europa
Esquina da do Ouvidor — Rio de Janeiro.

DE CALÇADO

TOILET-CLUB

SEM RIVAL NA AMERICA DO SUL

Rio de Janeiro

107 Rua do Ouvidor 107

PAVIMENTO TERREO

SMOKING ROOM

Explendida sala para fumar, leitura de jornaes e folhas
illustradas do paiz e estrangeiras.

LUNCH ROOM

Cervejas, chopps, vinhos, licores e refrescos variadissi-
mos tudo de primeira qualidade.

SHOOTING GALLERY

Vistoso bosque e gruta para tiro ao alvo.

PAVIMENTO SUPERIOR

Deslumbrante salão para barbear, cortar cabellos, lava-
gem da cabeça, aparar a barba e frisar.

Per fumarias.

Engra xa-se calçado

A la Ville de la Havane

Fonseca Braga & Filho

69 RUA DA QUITANDA 69

Esquina da do Ouvidor

Especial sortimento de charutos de Habana dos mais
acreditados fabricantes.

Escolhido sortimento de cigarros dos melhores
tabacos conhecidos

Rio de Janeiro.

DROGARIA JANVROT

Importação e Exportação
de drogas, productos chi-
micos e pharmaceuti-
cos, e agnas mi-
neraes natu-
raes.

*

*

Apparelhos
physico-chimico

e medico-cirurgicos,

vasilhame, nomenclaturas

e utensis para laboratorios

ph armaceuticos, etc.

35 e 36 Rua da Quitanda 35 e 36

RIO DE JANEIRO

MUSICA, PIANO E CANTO

As trez rmãs Villas-Bôas, ex-discipulas do Ly-
ceu de Artes e Officios e dos professores Amaro
Ferreira de Mello, João Pereira da Silva e Achilles
Arnaud, encarregão-se particularmente, em sua
residencia, do ensino de musica, piano e canto
a alumnas de 8 a 20 annos; desde ás 9 horas da
manhã ás 5 da tarde á

Rua de Paula Mattos n. 36

AOS DOUS CASTELLOS

MACHADO, CARVALHO & C.

com grande deposito de fumos em rôlo de
todas as qualidades

Fabrica de cigarros, fumos desfiados, charutos
nacionaes e estrangeiros e mais artigos pertencentes a
este negocio, etc., etc.

116 Rua da Quitanda 116

Rio de Janeiro.

CAFÉ MOIDO, VICTOR HUGO, SEM IGUAL

Moido instantaneamente à vista do freguez por machina
A VAPOR

Antiga e bem acreditada Fabrica

DE

Silva Pereira & Jorge

61 Rua da Uruguayana 61

RIO DE JANEIRO

Francisco Antonio Monteiro & C.

SUCCESSORES DE

FRANCISCO ANTONIO MONTEIRO

21 Rua da Candelaria 21

Esquina da de S. Pedro

Completo sortimento de cera, chá, tabaco de todas as
qualidades, tapioca, sagú, aruruta,
maizena, cevadinha, sementes, plantas, raizes de flores
fructas e hortaliças, matle em em folha e
em pó, pilulas de familia e muitos outros artigos concernentes
a este negocio.

RIO DE JANEIRO

ADVOGADO

Dr. Jansen Junior

CORTE

Rua do Carmo n. 14.

As Quatro Nações

Principia em 3 de Novembro no importante estabelecimento — As Quatro Nações — a grande venda do enorme sortimento de roupas francezas e nacionaes para homens; vestuarios para meninos, chapéos, camisas, ceroulas, meias, lenços, gravatas, etc., com grande redução de preços. Cada artigo tem o preço marcado por que se vendia e contramarcados com tinta encarnada com enorme abatimento. A's Quatro Nações, rua do Hospicio n. 80, esquina da dos Ourives.

Officina de Alfaiate

Enxovaes para collegiaes

Confeitaria e Refinação

DE ASSUCAR

Francisco Ferreira Vaz & C.

Rua de S. Pedro 154 e Andradas 69

Esquina da Praça do General Ozorio

Tem um completo sortimento de Vinhos, Licores, Doces de todas as qualidades, Amendoas, Xaropes, Fructas seccas e em calda, Pastilhas peitoraes, Chocolates, Chá, Assucar refinado, grosso e em pedra de todas qualidades.

RIO DE JANEIRO

ARMAZEM DE MOVEIS

E COLCHOARIA

Manoel José de Magalhães Machado

Grande sortimento de moveis de fabricas nacionaes e estrangeiras.

Grande sortimento de moveis e outros artigos directamente recebidos da Europa.

Encarrega-se de encommendas para fóra da corte.

19 Rua dos Andradas 19

Proximo ao laço de S. Francisco de Paula

RIO DE JANEIRO

ADVOGADO

Dr. Manoel Araujo dos Santos

Rua dos Ourives 125.

Fabrica de Flores Artificiaes

DE

MANOEL PINTO CATALÃO

Palmas, festões, cyprestes para igreja, etc.

Grinaldas para anjos, Véos e grinaldas para casa-mentos, etc.

Corôas de saudades, vidrilhos e perpetuas para finados
Recorta-se babados para vestidos.

VENDE-SE BARATO

89 Rua d'Alfandega 89

RIO DE JANEIRO